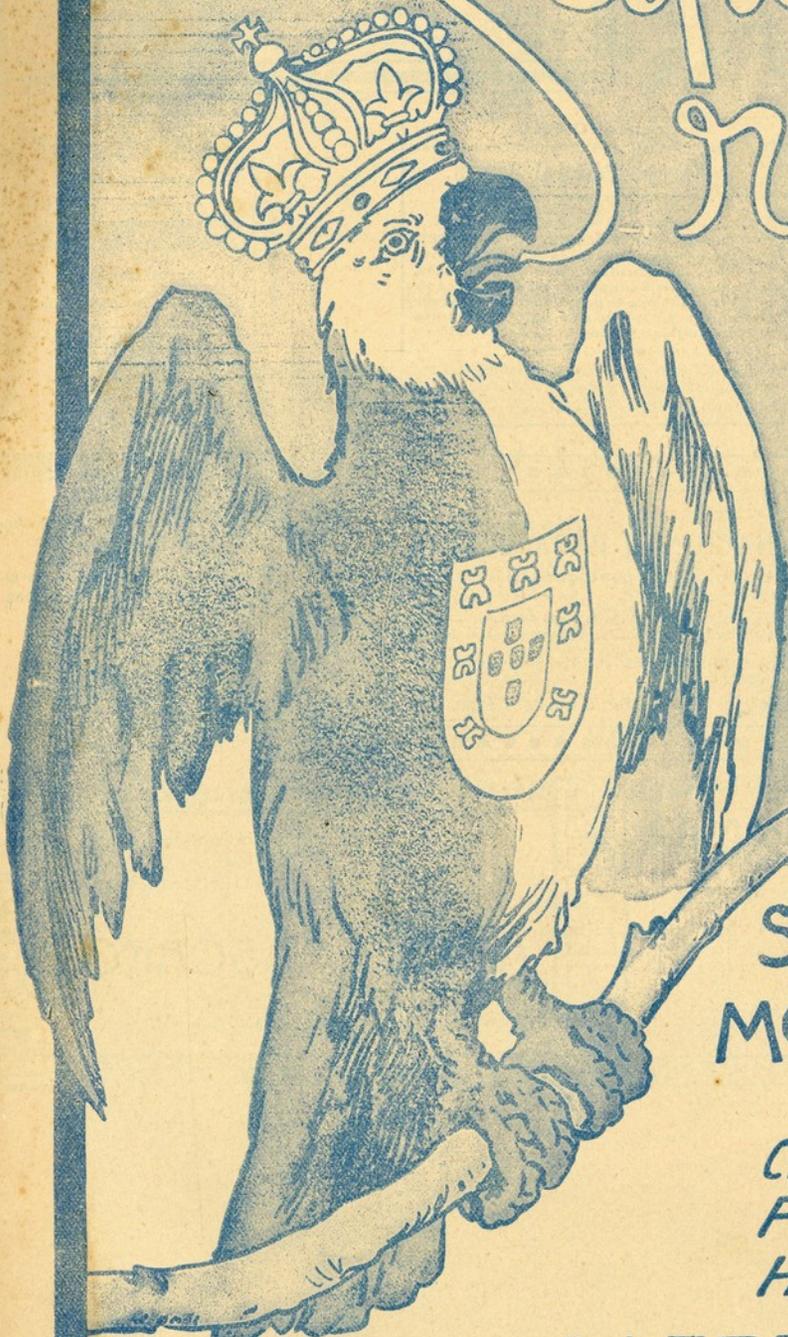


Papagaio real...



SEMANARIO MONARCHICO

*CARICATURA
POLITICA E
HUMORISMO*

DIRECTOR: ALFREDO LAMAS

Propriedade da Empresa do PAPAIAO REAL

Condições geraes de assignatura

PAGAMENTO ANTECIPADO

LISBOA—1 anno (serie de 52 numeros) 1\$050 Rs.; 6 mezes, (serie de 26 numeros) 600 Rs.;
3 mezes, (serie de 13 numeros) 300 Rs.
PROVINCIAS, ILHAS E COLONIAS—1 anno, (serie de 52 numeros) 1\$300 Rs.; 6 mezes, (serie
de 26 numeros) 750 Rs.; 3 mezes, (serie de 13 numeros) 400 Rs.
PARA O BRAZIL E PAIZES DA UNIAO POSTAL—(serie de 52 numeros) 1\$600 Rs. (moeda
forte).

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

EDITOR—Nuno de Vasconcellos
ADMINISTRADOR—JORGE LUIZ DOS SANTOS

ANNUNCIOS

Linha de columna (paginas de 4 columnas) 50 Rs.
Permanentes ou periodicos, contracto especial.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Antonio Maria Cardoso, 20, 1.º

Toda a correspondencia sobre assumptos de admi-
nistração deve ser dirigida ao ADMINISTRADOR.

Lisboa, 9 de Junho de 1914



Collaboradores

Artísticos: Almada Negreiros, Gastão de Lyz, "João Maria",
Stuart Carvalhaes, Jorge Barradas, Silva Monteiro e Rodrigues Castanê
Litterarios: Machado Correia, Rocha Martins (GH Voz),
A. Monteiro e Alfredo Lamas

Composição e Impressão, IMPRENSA PROGRESSO

C. S. Francisco, 23 — LISBOA

Papagaio real...

SEMANARIO MONARCHICO
POLITICA, CARICATURA e HUMORISMO

Redacção e Administração

20 — RUA ANTONIO MARIA CARDOSO — 1.º

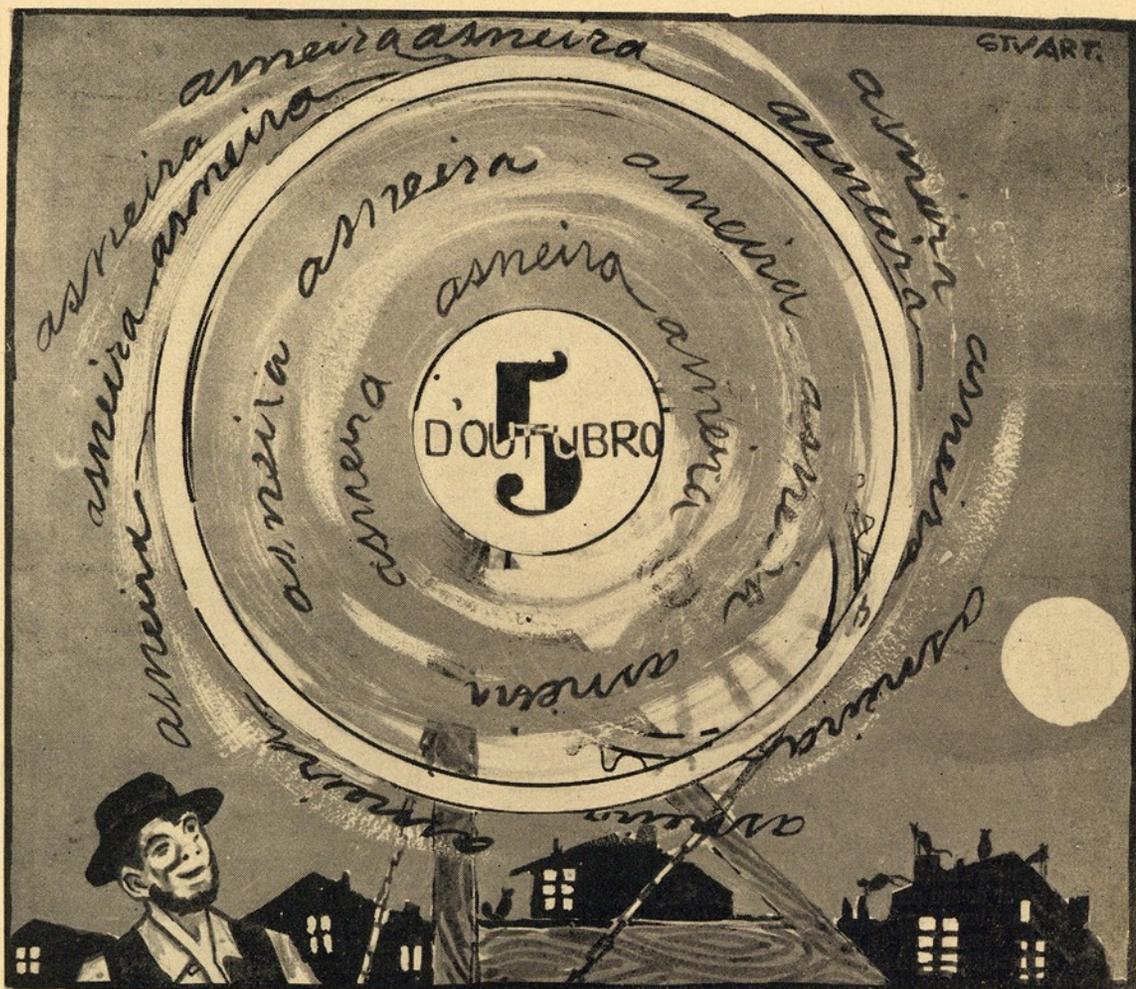
DIRECTOR — ALFREDO LAMAS

Toda a correspondencia relativa á redacção
deve ser endereçada ao director

Editor — Nuno dos Santos

Administrador — Jorge Luiz dos Santos

O MOTU-CONTINUO



A Academia de França parece que vae premiar com quinhentos mil francos o engenheiro italiano Flasio que descobriu o motu-continuo.

Em Portugal já ha mais tempo que essa descoberta se pusera em pratica, sendo tambem verdade que muito mais cara nos tem sahido.

CRONICA

O "TIO TERNURAS,"

Muito deve ter sangrado o coração do sr. Bernardino Machado ao abastecer a Penitenciaria de Coimbra. Pobre alma em pena!...

Elle que, com o seu ar mellifilo, parece pedir desculpa aos monarchicos de ser republicano e aos jacobinos assegurar a sua solidariedade, elle, que ao cardeal jura ser catholico e ao registo civil, livre pensador, elle, mais um ridiculo exemplar d'um politico, só possivel em Portugal, do que propriamente uma pessoa em que se possa confiar, deve ter dito, com um suspiro aos carcereiros: Ora fechem lá muito bem a duas chaves esses excellentes rapazinhos.

No ministerio todos jurariam tel-o visto enxugar uma lagrima com o seu lenço listrado de lucto. No fundo occultava um sorriso.

E' que o chefe do governo, o encarcedor dos estudantes de Coimbra, é o mais completo producto da educação hypocrita ministrada na universidade e á qual nem todos se adaptam. Elle é a expressão humana do conceito servil com os de cima, senhoril com os de baixo, quando não se careça dos seus prestimos; elle é o exemplar vivo do bacharel rastejante para chegar a lente, ductil para ser ministro, complacente para se guindar, levando nos labios esteryotipado, desde que o buço lhe despontou até que a barbicha lhe encanecceu, um sorriso que já não é sorriso, mas sim um *tic*, movendo a cabeça em meneios que já não são cumprimentos mas tregeitos, mettendo com palavras toda a gente no coração, como se de toda a gente se podesse ser amigo. O chefe do governo é o triumpho do ridiculo pernicioso. Não é um homem cordeal: como n'um titulo errado se espalhou, não deve ter um adjectivo a laureal-o: pertence-lhe um alcunha. E' o «Tio Ternuras». Blandicias fementidas de velho egoista, são as suas palavras, os seus gestos, os seus sorrisos. E' o «Tio Ternuras».

A esse padrão da requintada hypocrisia que encarcera, fazendo beicinho, preferimos a brutalidade d'Affonso Costa, o sinistro estadista que aprovisionou prisões e abasteceu Angra; a essas palavras doces, ao mesmo tempo que se chumbam grades de cadeias, preferimos as chans phrases de Duarte Leite, o presidente do conselho, que mandou fechar as cosinhas communaes, para que se rendessem pela fome os paes, ao verem os filhinhos chorando sem pão. Sim. A's tartufices preferimos a franqueza. Sentimos melhor as brutalidades do chefe republicano, que mandou levar á coronhada os operarios na manhã da vileza do assalto á Casa Syndical; sentimos mais digno o tirotear do povo nas ruas, quando do caso das chinezas, que esse languido psalmodiar d'um energumeno a desejar parecer santo, d'um ministro que pretende convencer-nos ter castigado com o coração sangrando.

E' a mentira d'hontem, d'hoje, de sempre a mentira constitucional do seu plasma, retocada e requintada pela educação á sombra d'essa velha universidade que no tempo de João Franco era os seus enlevos com a materia prima da revolta que ali se agitava na impetuosa mocidade de novo revoltada agora ante a sua figura que castiga fingindo torcer-se em dôres d'alma.

Não vae ainda muito longe a epoca em que o actual chefe do governo deante d'uma revolta em que todavia se respeitavam fóros academicos e não se enchiam d'es-

tudantes as cellas e os subterraneos da Penitenciaria, aconselhava viva resistencia.

«Com os estudantes — então succede o mesmo que com o povo, negam-lhes o livre arbitrio e até as faculdades mentaes, mas, como o povo, elles tambem devem revoltar-se.»

Bernardino Machado com o seu ar doce d'apostolo que traz o demonio na alma e a cara barrada de candura, foi o fundibulario na grêve de Coimbra de 1907 quando deixou de ser lente por uma mauigancia da politica; foi o arauto das rebeliões em que outros, agora a penitenciarem-se deante dos resultados da sua obra, foram os indomitos bêsteiros.

Ainda n'essa hora a sua exteriorisação de bondade e amor lhe serviu. Pois quando um homem tão bom se revoltava, é que a revolta andava até de braço com Jesus; pois, quando um velho que podia ser avô d'esses rapazes, como todos turbulentos, os incitava é que os crimes do governo — oh! Ceus! — desafiavam os crimes da rua.

Viu-se o resultado e viu-se tambem aquella barbicha branca ensopada no pranto como a face glabra de Nero ao vêr Roma ardendo no incendio que lhe mandara atear.

E' esse revoltado senil d'hontem que hoje vem fazer abarrotar as cadeias contra todas as regras, contra todo o bom senso, contra toda a logica.

Se aos primeiros tumultos o ministro do interior — o pae avô, o «Tio Ternuras» que incitou o curso de 1907 — tivesse mandado sahir os estudantes para as suas terras, como é costume deante dos tumultos academicos, — ter-se-hia poupado a ignominia de prender em massa a academia, como a republica já fez prender em globo os syndicalistas, os ferro-viarios e os cidadãos indefezos, a quem a força bruta domina, embora tenham depois a sorrir-lhes o *tic* marcado dos labios do «Tio Ternuras».

Que desculpem os cidadãos e a mocidade generosa mas a forcasinha era precisa...

Em 1907, quando procuravam demolir João Franco, dizia o velho tiradas jacobinas untadas de espicamentos disfarçados.

Fallava sempre aos estudantes como um pae, com o coração nas mãos — dizia á academia tumultuosa hontem, como foi tumultuosa hoje.

Como um pae!...

E vê-se que o seu falazar devia soar a falso, porque um pae não leva os filhos á lucta, como elle fez em nome d'interesses de baixa politica e se alguma vez lhes aconselha revoltas, não os pune brutalmente quando elles as praticam de novo.

Mas aquillo eram apenas palavras vindas da bocca, hontem como hoje, amanhã como sempre, na meninice ao aceitar as rolhas d'assucar, na juventude, ao receber o capelo, na velhice ao realizar este impossivel na Europa, esse symbolo aquem da raia hespanhola: o triumpho do ridiculo; a consagração do jogo á vista.

E os annos hão-de passar e as cabeças louras dos netos d'esse homem hão pensar por si, os seus deditos cor de rosa hão de ser fortes e folhear as colleções dos feitos do avô, e as suas testas hão de enrugar-se, emquanto aos seus labios acudirá esta pergunta:

«Tambem mentiria elle quando nos acariciava?!...»

Em todo o caso a culpa d'esse feito é tanto do «Tio Ternuras» como é do burro malhado ter o pelo com manchas claras. Todos sabem que as brancas nos irracionais não indicam velhice. São apenas caprichos da caprichosa natureza.

Pois muito deve ter jurado o sr. Bernardino que o seu coração sangrou ao abastecer com a juventude a lóbrega Penitenciaria...

Rocha Martins.



Em substituição dos capotes brancos de Sebastião José de Carvalho, o novo marquez de Pombal, arranjou também os seus espadachins, ao que parece, dispostos a levar isto a ferro e a fogo, conforme nos seus ensaios diários asseveram.

CESSAE CADETES COM TANTA CARNAGEM.

AS FESTAS DA CIDADE

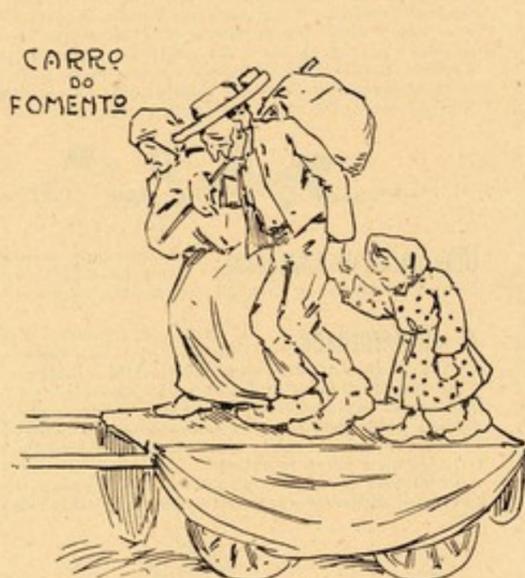


CARRO DO PARTIDO DEMOCRATICO

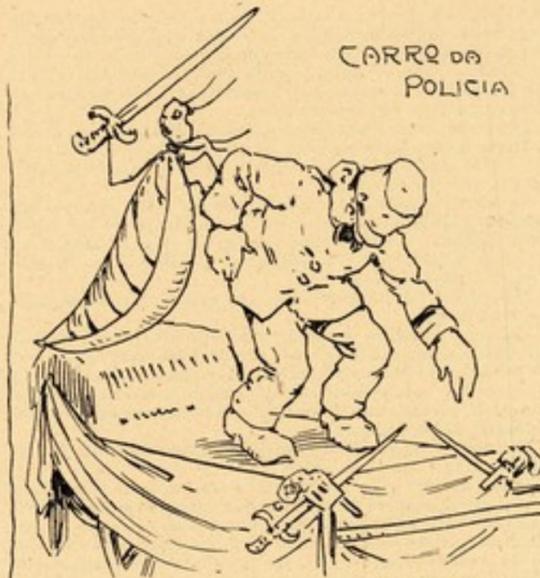


CARRO DO PARTIDO EVOLUCIONISTA

Projectos de carros allegoricos das varias collectividades do paiz em honra de S. Camões



CARRO DO FOMENTO



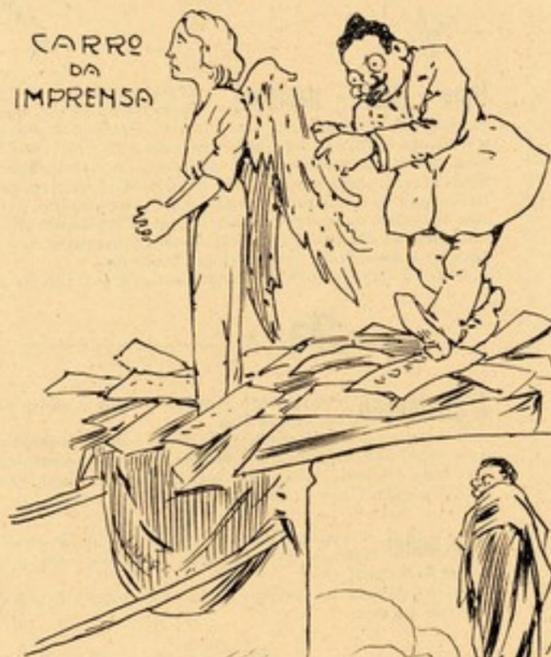
CARRO DA POLICIA



CARRO DO PARTIDO UNIONISTA



CARRO DO GOVERNO



CARRO DA IMPRENSA



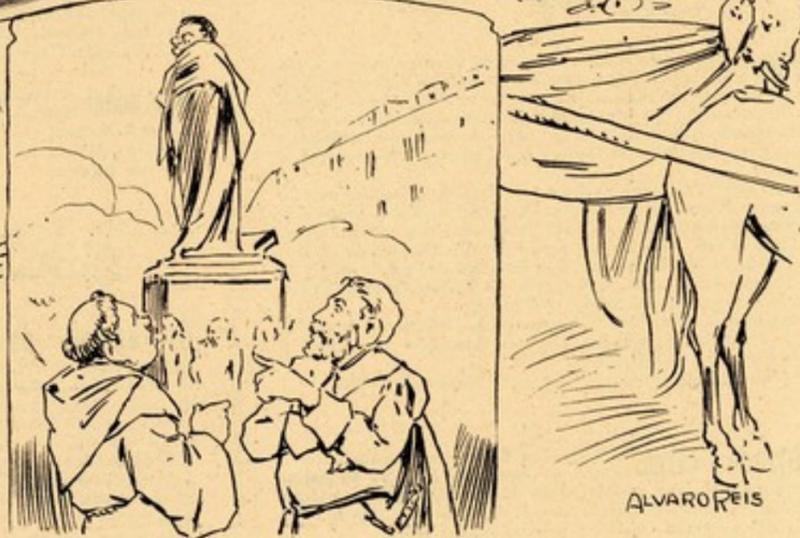
CARRO DAS COLONIAS



CARRO DA INSTRUCCÃO

Depois de verem os projectos, Camões e Santo Antonio encontram-se e estendem-se as mãos:

- Tu!...
 - Tu!...
 - Mas não estás no pedestal?!...
- O *vate*, mostrando o sr. Affonso Costa, que o substitue para as homenagens: — *Outro poder mais alto se alevanta.*



DE BINOCULO

Alguem me chamou a atenção para uma noticia publicada pelo jornal *O Povo* de 3 do corrente sob a eprigrphe *Papagaio*, em que se repete uma aleivosa que já dias antes ouvira a um republicano, que na tarde de 3 de Outubro de 1910, se dava ao trabalho de comprar pão e bacalhau para uns dias em que heroicamente se mettera em casa...

Dizia elle, com graça, depois, que o corpinho... era d'elle! Diz-se ali, no jornal, que na manhã de 5 de Outubro eu déra, do alto das janellas da minha residencia, vivas á republica e morras aos thalassas...

Se o tivesse feito poderia desculpar-me com o exemplo dos heroicos paladinos da ideia nova, que tantas vezes, quando a coisa falhava, se entretinham, por graça já se vê, medo não, — quem falla n'isso! — a esfalfar os pulmões com a inversa do que se me atribuem...

Mas não! A falsidade é completa! Explico em duas palavras o que se passou:

Um numerosissimo grupo de conductores de carros electricos, esse mesmo grande grupo que foi ovacionar os jornaes, ao passar por debaixo da varanda da minha residencia, parou e honrou-me, cumprimentando-me com uma salva de palmas. Respondi, cortezmente, levantando um *viva ao povo trabalhador, outro á patria*.

E', como se vê, *um pouco diferente*; mas esta gente é muito inventiva e vae d'ahi o erro...

Devia até ser pela minha conhecida amizade pela ideia nova, que na vespera da tal historica data, um amigo, carbonario de cotação, segundo depois me disse o relatório do sr. Machado Santos, me convidou a refugiar-me em sua casa, se viesse a dar-se breve algum movimento revolucionario, porquanto eu estava apontado como thalassa.

Deve ser ainda por esse amor que na tarde do historico dia a integridade das minhas costellas esteve seriamente ameaçada por ter defendido dos apupos d'uma multidão mal orientada, o esquadrão da guarda municipal aquartellado em frente do quartel dos marinheiros, quando este voltava, desarmado, de prestar juramento.

E' claro, que nenhum brilho dá a minha camaradagem politica ou jornalística ao sr. Moreira d'Almeida, porque por muito cotado jornalista que eu fóra, que não sou nem em tal penso, tão luminoso é o seu espirito e tão grande o seu talento — estrella de decima oitava grandesa; mas por muito mediocre, por muito inútil que eu seja, tenho a consciencia de que mais honra sua excellencia a minha humilde pessoa, do que o honraria a grande e luminosa figura do sr. Covões.

Gastei afinal muitas perolas — desculpem os leitores...

Armenio Monteiro.



Elites... A prosito *d'elites* o orgão da formiga diz que a *élite* republicana não é «de imbecis e aventureiros, feitos á custa do mais nojento elogio mutuo; nem de ladrões do dinheiro do povo; nem de *delicados* conversadores do genuino calão fadista da Alfama; nem de assassinos confessos e em... projecto; nem de espões e de agentes provocadores, a soldo...

Isso sim!... Na *elite* d'elles não estavam os assassinos do sargento da rua Victor Cordon; do tenente Manoel Soares, do soldado Ramiro Pinto, de João Torquato; eram monarchicos, querem lá ver... assimo os arruaceiros do Theatro de D. Maria; os *heroes* da Ambacada, das bombas, das prescripções de S. Thomé e de tantas outras *obras de benemerencia* que para ahi se tem feito depois de 5 d'outubro?!

Ainda lhes ha-de dar o descaro para o afirmarem mais vezes, porque para aquelles valentes formigões a verdade é uma virtude desconhecida.

Isto, só com a *receita* do sr. general Dantas Baracho.

Alijando a carga. A recua dos Rodrigues descobriu que o roubo na igreja da Senhora do Monte foi praticado pelos monarchicos. E' uma variante. Se calhar tambem foram os monarchicos que roubaram na casa da moeda e que gosaram a vida á custa das margaridas...

Ora pois!

Grammatica e logica. O porta-voz da demagogia, onde quenta porque o nosso prezado collega *O Dia* chamou ao Senhor D. Manuel II, pelo seu titulo: El-Rei.

Lá para elle, desde que o *Mundo* deixou de o ser para se chamar *Inmundo* e portanto *ex-Mundo*, lá para elle, diziamos, tudo e todos devem levar o *ex*. Pois se aquelles talentos já uma vez epigrapharam um telegramma ácerca do valente e brioso capitão João d'Almeida, chamando ao grande portuquez *ex-heroe dos Dembos!* E fallam elles em grammatica, nem que fosse objecto em que alguma vez pegassem!...

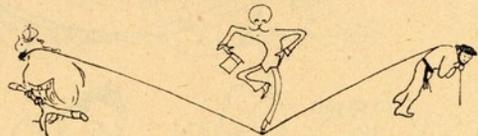


Uma caixa de surpresas... vae ser a proxima reunião na Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes. Surpresas para muitos; para nós, não.

A «fróternidade»... E' um nunca acabar d'exemplos *fróternas* que os *illustres paes* da Patria diariamente offercem á coscuvilhice indigena.

No Senado o mata-grades Faustino joga o *box* com o republicano por equívoco Azevedo Gomes. Nos deputados o democratico Leite Pereira e o unionista Alexandre Barros esbofeam-se; na rua o evolucionista Ribeiro de Carvalho tem um corp-á-corp com um jornalista.

Decididamente isto é um regimen de *paz e amor*, ainda que peze aos *traidores* aos *jazuitas* e *paivantes reaccionarios*...



Uma «gloria» nacional... Gemem os prélos porque um hypochondrico qualquer hespanhol, não sabendo com que curar-se, lembrou-se d'importar e traduzir o ultimo attentado dramatico do Frei João Nones, uma das nossas mais lidimas «glorias», na arte de fazer meia. Sem duvida, anda aqui um fino espirito diplomatico, pois que os hespanhoes achando poucas, ainda, as asneiras quotidianas dos nosso sabios governantes, pretendem desacreditar-nos aos olhos da Europa culta e civilisada, apresentando o Nones como o *specimen* da dramaturgia luzitana.

Alto lá com a chuchadeira, que toma fóros d'internacional.



A abstenção. Plenamente d'accordo com o nosso prezado collega *O Dia*.

Ir á urna ou auxiliar d'algum modo o *acto eleitoral d'elles*, é reconher-lhe direitos que não têm, que não podem ter, porque uma minoria não pode, legalmente, dominar. Domina, sim, mas pela força e pela violencia.

Que bons! *A Capital* descobriu que o Tio Mesuras poz a intenção de paz!

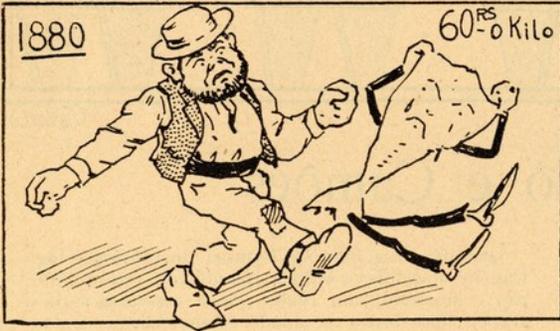
Estes patuscos andam a chuchar com o proximo, por mais que nos digam!...



Os «amigos» do povo. Todos conhecem a assustadora crise de trabalho porque n'este momento se atravessa, devida em grande parte á famosa lei do inquilinato; pois os não menos famosos edis, d'esta cidade de marmore, de granito e das bombas, resolveram na sua muito sabia e douta opiniao elevar o preço dos lotes dos terrenos pretencentes ao municipio, como ha dias tivemos occasião de verificar, augmentando 1000 reis em metro quadrado. Isto depois de durante mezes successivos não entrar na camera um projecto de construcção nova e do Estado ter despedido ou estar para despedir 2600 operarios.

Depois d'isto ainda são capazes de dizer que os homens da *ideia nova* não são os verdadeiros amigos do povo.

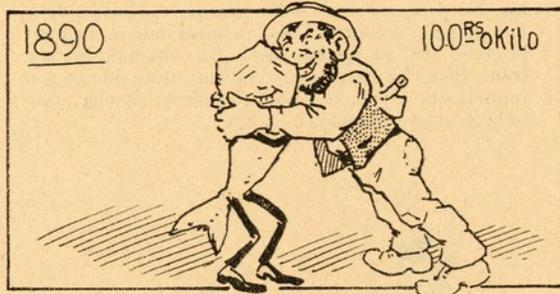
A evolução d'um peixe ou o bacalhau na alta



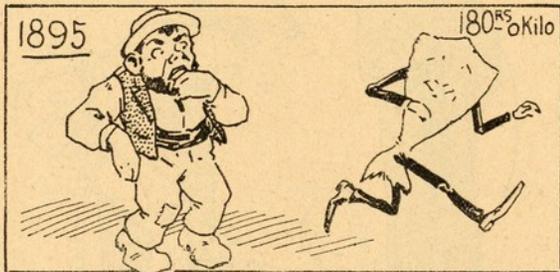
1880. — O' safate da minha vista... Peixe de gente ordinaria...



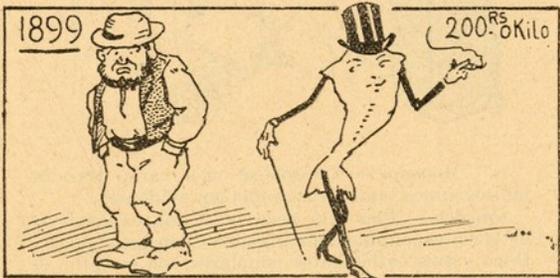
1905. — O caudilho: Quando vier a republica tereis o bacalhau a pataco.



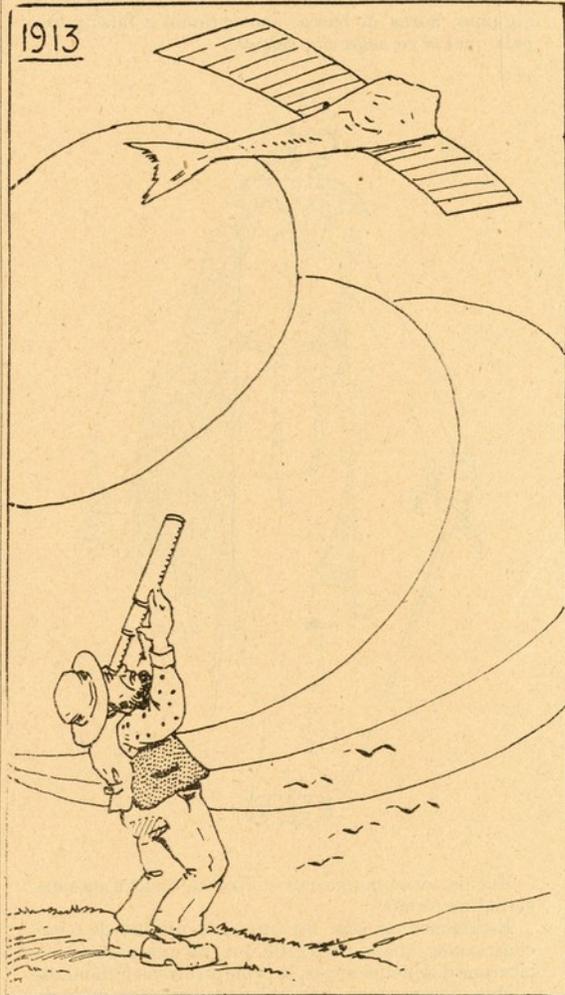
1890. — Oh! meu fiel amigo...



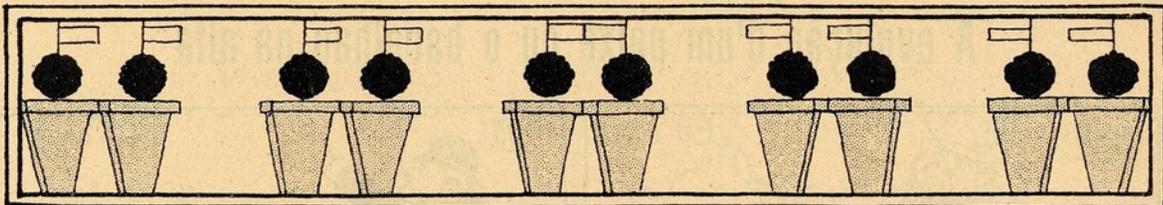
1895. — Vejam a ingratidão dos peixes...



1899. — Burguez! Pandilha! Apanhou-se nas alturas e nem para mim olha.



Zê: Viva a republica!
1913. — Em plena Republica: O' bacalhau — ó visão... Pôr-te os dentes, que sonho! Que doce illusão!...

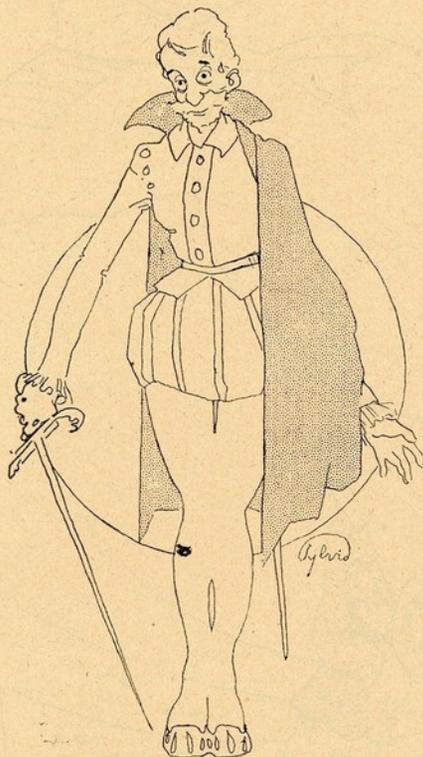


Uylvis

Santo Antonio e Camões

Como estão á porta as festas da cidade e sendo Luiz de Camões o grande *homenageado* nessas festas, achámos interessante para os nossos leitores irmos entrevistar o Poeta a esse respeito.

Arrostando com todos os perigos, com todos os incomodos duma perigosa viagem, tomámos a Divina comedia de Dante e ahi estudámos o nosso roteiro e lá fomos até á sombria floresta, onde depois de algumas horas de busca, encontramos a fatal porta pela qual *si va nella cita dolente*.



Em parte nenhuma nos souberam dizer a morada actual de Camões.

Estavamos já sem esperança nenhuma de o encontrarmos, quando Virgilio que, ao que parece, é o cicerone d'aquelles sitios, se promptificou a guiar-nos.

Mas porém outra difficuldade surgiu — o meio de transporte. — Virgilio, logo mandou aparelhar o Pegaso, que é um cavalinho capaz de ganhar todos os premios de todos os concursos hippicos.

Quando chegamos ao Paraiso, encontramos logo Camões que falava animadamente com Santo Antonio e supondo, com razão, que a conversa seria a respeito das festas da cidade, escondemo-nos á sombra duma grandissima *arvore da sciencia* e escutámos.

Eis o que ouvimos:

Camões — Já não posso com estas malditas festas. No primeiro anno achei graça... era novidade... mas depois, a continuação, o conhecimento d'aquella gente não me agrada nada. Uns chamam-me por troça São Camões, outros convencem-se que eu sou republicano e piada d'aqui, asneira d'acolá... que imbecis e que estopada.



S.^{to} Antonio. — Console-se meu caro. Durante muitos annos tambem eu andei em evidencia.

Camões. — Pois sim mas você tinha a consolação de ver a espontaneidade ingenua d'um povo sympathico; ouvia os descantes populares, via os bailes de roda, tinha os versos pitorescos e o aroma dos mangericos floridos... tinha incenso, tinha anjinhos nas procissões.

S.^{to} Antonio. — Pobres anjinhos, que tormentos passavam com os pésitos apertados nos pequenos sapatos.

Camões. — Mas actualmente é o mesmo, com a diferença que são ranchos e ranchos de crianças que com os pés também garrotados ainda por cima são forçados a cantar a sementeira e outras coisas feias pelas ruas que escaldam, entre nuvens de poeira. E depois eu não tenho perfumes, tenho o cheiro a suor democratico... Sou mais infeliz que você!

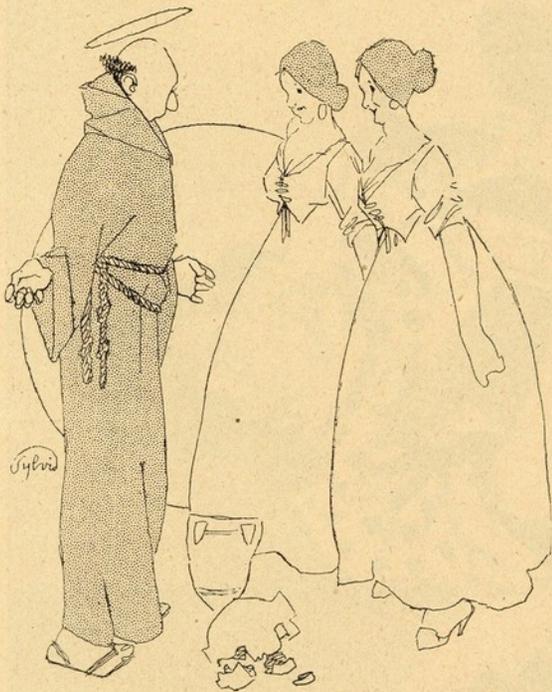
S.^{to} Antonio. — Não se lastime tanto. Lembre-se de que quando se fizeram as festas do meu ultimo centenario o cortejo foi interrompido e houve atropelamentos, encontrões, senhoras a chorar, militares fugir... tal qual como na Rotunda.

Camões. — E o meu cortejo do anno passado?

A bomba, os feridos, os mortos... que horror!

S.^{to} Antonio. — Tem razão meu amigo.

Camões. — E de resto eu nunca fui populoso como você, nunca parti bilhas ás raparigas; eu fui o guerreiro e o poeta e agora por popularidade, quer saber?



Estou convencido de que esta popularidade que me põe agora em evidencia não é devida aos meus versos, mas sim a ter só um olho.

Isto é horrivel. Eu que tive dois olhos como toda a gente não sou pintado ou estatuido senão com um olho. Que desprimor!

S.^{to} Antonio. — Quanto a isto não se desconsole porque na terra dos cegos...

Camões e Santo Antonio afastaram-se e nós sem necessidade, visto o interesse do dialogo, de irmos incomodar o desgraçado Poeta, resolvemos descer á terra.

A Virgilio que levou a sua delicadesa a ponto de não accetar a nossa górgeta, estreitamos d'aqui um abraço de gratidão.

Para o outro numero. Só para o numero que vem podemos publicar o retrato de S. Magistade a Rainha, Senhora Dona Augusta Victoria.

Um contra tempo n'uma gravura já feita obriga-nos a adiar ao nosso semanario a honra de inserir na sua collecção o retrato da excelsa Princeza.



ARGUMENTOS IRRESPONDIVEIS

Segundo o nosso presado collega *O Dia*, transcrevemos, com a devida venia, d'ali a lista que segue sobre emigração nos tempos ominosos e nos do *superavit*.

EMIGRAÇÃO

Nos tempos da «fome»		Nos tempos da «fartura»	
Periodos	Médias triennaes	(vulgo «superavit...»)	
1891—1893..	29.013	1910..	39.515
1894—1896..	33.674	1911..	59.661
1897—1899..	20.907	1912..	88.929
1900—1902..	22.040	1903—1905..	27.841
1903—1905..	27.841	1906—1909..	39.750
1906—1909..	39.750	1913..	77.753

Média emigratoria nos ultimos 18 annos do regimen monarchico:

1891—1908.. 28.870

Média no periodo republicano:

1910—1913.. 66.464

Quota emigratoria maxima da Monarchia:

44.000

Quota emigratoria maxima da republica:

88.929

Que dizem a isto os patriotas?



CAMPO PEQUENO

As corridas que a empresa organizou para a tarde de 10 e noite de 13 estão preparadas com excellentes elementos artisticos. A par de luzidos e escolhidos grupos de lidadores, a empresa foi alugar touros a duas das ganaderias que melhores provas teem dado: Francisco Victorino (de Vendas Novas) que fornece os touros para o dia 10, e um outro lavrador que na noite de 13 corre pela ultima vez touros com o seu ferro. Na corrida do dia 10 tomam parte os cavalleiros Casimiro e os espadas Pacomio Peribañez e Alfonso Cela Celita, dois magnificos toureiros que pela primeira vez veem a Portugal; e na corrida de 13, que é a antiga portugueza, entram quatro cavalleiros, um espada, oito bandarilheiros, dois grupos de forcados que farão a *casa da guarda*, neto, chamareleiros, pagens, etc., etc. Estas duas corridas serão das mais bem organisadas das que se teem dado no Campo Pequeno.

THEATROS

POLYTHEAMA—As 8 e meia e 10 e meia. *Troços e Troças* (revista)

APOLLO—A's 8 e 3/4 e 10 e 1/4—2 sessões De alto a baixo.

AVENIDA—A's 9 horas—A opereta *Amor de Mascara* em que toma parte a actriz Palmira Bastos.

RUA DOS CONDES—A's 8 1/2 e 10 1/2—A revista *O 32*, Salvo seja!

Aplicação da revista *O 32*.

COLYSEU DOS RECREIOS—A's 9 h.—Companhia de Opera Lyrica Italiana, todas as noites.

CHIADO TERRASSE—(Rua Antonio Maria Cardoso) Animatographo elegante—Estreias consecutivas.

OLYMPIA—(Rua dos Condes)—O mais confortavel e elegante salão de concertos e cinematographo. Estreias consecutivas.

Matins diarias, ás 3 horas.

SALÃO FOZ—(Calçada da Gloria) Variedades e animatographo.

SALÃO CENTRAL—(P. dos Restauradores)—Animatographo.



FECUNDIDADE

O Zé (depois de lêr o telegramma de Roma onde se narra que uma mulher teve cinco filhos e que o marido quiz dar cabo da cara metade n'uma furia.) E eu que sou apenas tio... Sim porque quem paga é tio... não o estou a vêr parir a toda a hora!... Ainda se fossem creanças! Mas botas... botas... Ceus! E' uma fabrica a vapor... (Refletindo) Tambem, serão ellas que lhe darão os pontapés.

A POLYCOMMERCIAL

PAPELARIA, LIVRARIA, ENCADERNAÇÃO, ESTEROTIPIA E CARIMBOS

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E

TELEPHONE 3362

LISBOA

COD. A B C. 5. 11

AUTOMOBILISMO

A importante secção editora da nossa casa, acaba de lançar no mercado uma collecção de livros intitulados Biblioteca Desportiva, de que o primeiro volume **Automobilismo** já se encontra á venda.

E' um volume portatil, de contextura absolutamente pratica, contendo tambem o regulamento de circulação de automoveis em Portugal, cheio de desenhos ilucidativos e indispensavel a quantos se dedicam a este genero de desporte e industria, sendo o seu preço de 150 réis.

OUTRAS PUBLICAÇÕES RECENTES D'ESTA CASA

Elementos de Direito Fiscal, pelo professor do Instituto Superior de Commercio e Sub-Inspector das Alfandegas F. A. Correia. Trabalho unico no seu genero em Portugal. Brochado 1\$200 réis; encadernado 1\$600 réis.

Lições de Arithmetica, de Jorge Gavicho, (adoptado na escola Elementar do Commercio). 1 vol. 450 réis.

Grammaire Pratique de la Langue Française et Premiers Notions de Conversation, por J. Antunes Coimbra, (adoptado na escola Elementar de Commercio). 1 vol. cart 500 réis.

Lições Praticas de Portuguez, de J. Cabanita. Este livro é um auxiliar indispensavel a quem queira saber bem a sua lingua. 2 vol, 1\$500 réis.

Aqueductos, Pontes e Pontões, taboas, formulas e dados praticos, por J. J. Pereira Dias. Livro indispensavel a quem deseja seguir o curso de engenheiro ou dedicar-se á Construcção Civil. 1 vol. enc., flexivel, 1\$000 réis.

Fluctuações, versos de D. Joanna Castelbranco. 1 vol. 300 réis.

Taboas Sinopticas para o Exame de Fibras, Fios e Tecidos, por Armenio Monteiro, Livro unico em portuguez, e indispensavel para os concursos aduaneiros, e para quem siga o respectivo commercio. 1 vol. ricamente enc. 600 réis

Pautas das Alfandegas do Reino e Ilhas dos Açores, 2.^a edição refundida, e com todas as alterações até novembro de 1912. Formato portatil. Compreende não só as pautas, mas todos os tratados existentes, tabella dos artigos combinados, taxas de trafego, emolumentos, etc. 1 vol. cart. 700 réis.

Contos da Carochinha. Colecção mensal ilustrada, capa em couché com uma trichromia na frente e no verso a reproducção de um monumento nacional. Contos absolutamente moraes e com a nova orthographia. Recebem-se assignaturas para esta collecção. Cada vol. 100 réis.

LIVROS DE ESTUDO (DE TODOS OS AUCTORES), ROMANCES, SCIENCIAS E ARTES

Vago

TYPOGRAPHIA JOSÉ BASTOS

GRANDES OFFICINAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE
RUA DA ALEGRIA, 100 - LISBOA - Telephone n.º 2.550

Stand Americano

CADILLAC

AUTOMOVEL DE LUXO

4 Cylindros de 115×145 m/m 40-50 HP

PARTIDA AUTOMATICA E ILLUMINAÇÃO ELECTRICAS

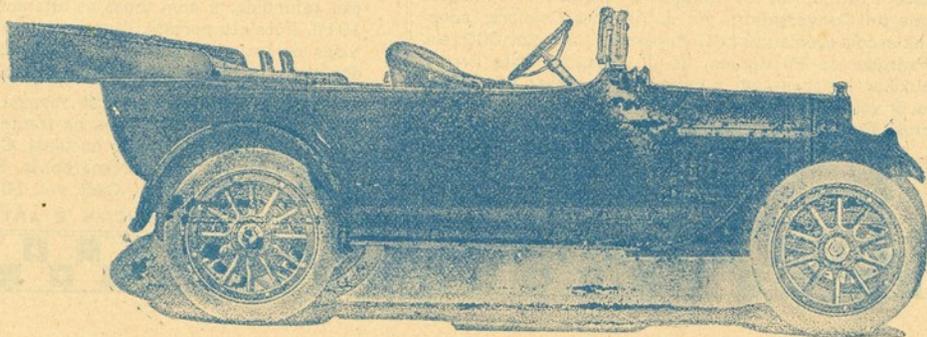
BUZINA MANUAL E ELECTRICAS

DUAS PRISES DIRECTAS

COM

MUTAÇÃO ELECTRICAS

NOVIDADE PRIVILEGIADA



CADILLAC TORPEDO — 7 LOGARES — 40-50 HP

A CADILLAC MOTOR Co. fabrica 6 modelos de automoveis para 3-5-7 pessoas. Todas as peças, sem excepção, bem como as Carrosseries, são fabricadas nas suas vastas officinas com material de primeira ordem.

Os automoveis CADILLAC, hembreiam por completo com os das melhores casas europeias, custando menos 20 %, e são todos munidos de equipamento electrico, tanto para a partida automatica, como para a illuminação, mudança das duas prises directas e buzina.

Automovel HUPMOBILE para 5-7 logares, com 20-24 HP, modelo 1914, com partida, buzina e luz electricas. Carrosseries torpedo. Elegante, commodo e barato.

Sempre em deposito chassis FEDERAL, para camions ou passageiros. Muitos modelos de carrosseries, já em serviço, em Cacilhas, na Guarda e outros pontos do paiz.

Chassis WILSON, marca mundialmente reputada, tambem para os serviços do Federal.

Outras marcas de carros americanos temos sempre no nosso STAND, para *tourismo* e carga.

Convidamos o publico a visitar o nosso STAND da

Rua 24 de Julho, 74 a 74-1

LISBOA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA